

# ESTARIAM OS NEGROS PRESENTES NA OBRA DE PAULO FREIRE?

**MORAES, Marcelo José Derzi**  
**SANTOS, Patrícia Elaine Pereira dos**  
**REIS, Ana Cristina Figueiredo**

## RESUMO

Esse texto pretende abordar elementos que apontem que a questão racial sempre acompanhou a obra do pensador Paulo Freire. Para isso, trataremos de pontos que perpassam desde o tema racial até situações que marcam a questão racial na obra deste pensador.

**Palavras-chave:** Colonialidade. Negritude. Opressor.

## ABSTRACT

This text wants to address elements that point out that the racial question has always accompanied the work of the thinker Paulo Freire. For this, we will deal with points that go from the racial theme to situations that mark the racial question in the work of this thinker.

**Keywords:** Coloniality. Blackness. Oppressor.

## INTRODUÇÃO<sup>1</sup>

Para começarmos, é preciso entender que a palavra presença não é tão simples quanto parece. Tradicionalmente, há uma concepção e compreensão da palavra presença, que nos é imposta, que tem uma história e tem um lugar. Para compreender

---

<sup>1</sup> Dedicamos esse texto a Maria Tereza Goudard Tavares, pelo seu empenho por uma educação popular plural.

a questão que colocamos nesse texto, é preciso entender que a palavra presença não faz oposição à ausência, não significa algo físico e material. A presença se manifesta de inúmeras maneiras, se faz presente sem sua presentificidade. Uma aparente ausência, uma aparente falta, um aparente vazio pode pressupor um certo apagamento, uma obliteração, um certo condicionamento no olhar que não nos permite ver, uma violência do olhar. As aparências enganam e quase sempre. Sob um efeito de *mariwó*, vemos sem ser vistos; mas, também, somos observados sem percebermos (MORAES, 2020, p. 159). A presença tem um sentido espectral; não é presente, nem ausente, se manifestando de muitas formas. Para muitos, Freire esqueceu de tratar dos negros em sua obra. Mas nem todo mundo concorda com isso. Mas, existem aqueles que não associam ou não fazem essa relação. Nós não temos dúvida, Freire também está falando dos negros, mesmo que para isso tenhamos que recorrer à lógica espectral (MORAES, 2020).

Essa questão surge na tentativa de apresentar um problema, de chamar atenção para um tema, que muitas vezes pode ser apagado ou pode não ser considerado. Quando é considerado, talvez não seja tão reforçado; pois pensamos o outro sempre enquanto uma unidade fechada, sem suas diferenças, ou seja, no singular, e são diversos os caminhos que apontam para isso. Freire conjura os oprimidos, os excluídos, os subalternos, os banidos, sempre no plural e nas suas mais complexas diferenças.

A presença do negro aparece em muitos momentos na obra de Paulo Freire; na conversa dele com bell hooks, em que ele questiona sua suposta branquitude; na forte influência de Franz Fanon em sua obra, uma vez que sabemos que os condenados da terra são negros, latinos, indígenas e árabes; nas indagações acerca da sua racialidade; nas suas viagens à África; nas suas conversas com Abdias do Nascimento sobre a arrogância branca; etc. Diante disso, faremos um movimento quase-fenomenológico da questão racial em Paulo Freire, para compreender que, quando ele fala do oprimido, quando ele pensa outros modelos de formação, ele está convocando uma ancestralidade africana reconhecida por ele mesmo, que se manifesta, de forma inquestionável, em sua vida e em toda a sua obra. Por mais que muitas vezes a questão racial não esteja presente em sentidos de presencialidade, acreditamos que, num sentido espectral, ela compõe o pensamento de Freire<sup>2</sup>.

A conduta que damos a esse texto se constitui da vontade em experienciar os conhecimentos registrados por Paulo Freire, que já nos sinalizam muitas questões na sua condição de intelectual orgânico que apostava na condição transformadora da educação a partir de uma consciência crítica. Entendemos que essa proposição central faz relação com o debate racial. Isso significa que há uma condição freiriana racializada que aflora outras proposições. Lembrando sempre que as ideias propostas buscam o alinhamento com a teoria para que seja colocado em evidência e protagonizando um outro olhar. Essa ideia parte da perspectiva da *práxis*, (re)

---

2 Essa pesquisa é realizada pelo nosso Grupo de Estudo em Negritudes e Transgressões Epistêmicas - GENTE da Universidade do Estado do Rio de Janeiro e no projeto de pesquisa e extensão Ressonâncias descoloniais em Filosofia e Educação.

ativando um sentido de ação e reflexão, ou mesmo de libertação do mundo, e que ao pensar a partir das questões étnicas raciais, em particular as questões da negritude, nos faz pensar no compromisso de transformação da liberdade. Além de ter sido um conceito muito importante para pensar ações comunitárias na África do sul e nos EUA, sobretudo porque a ideia de lideranças pelo oprimido se tornou central nos anos 70/80.

Quando navegamos pelo seu legado, cartas, anotações, declarações, documentos, palestras, textos, entrevistas, livros, etc<sup>3</sup>, percebemos o quanto essa espectralidade se faz presente, assumindo heranças, sendo solidário, reconhecendo aqueles que passaram por ele. Essa frequentação do outro, também acontece em relação aos seus amigos, Moacir Gadotti, Paulo de Tarso, Frei Betto, bell hooks, entre muitos outros. No caso da bell hooks, pensadora afronorte-americana, que além de dedicar sua obra *Ensinando a transgredir* a Paulo Freire e dedicar-lhe um capítulo específico, promove um lindo encontro espectral conjurando o seu outro, ao criar uma conversa afetuosa para tratar do seu encontro com Freire e sua obra. Ela explica que “este é um diálogo lúcido em que eu, Gloria Watkins, converso com bell hooks, minha voz de escritora. Quis falar sobre Paulo e sua obra deste jeito porque ele me proporciona uma intimidade – uma familiaridade.” (HOOKS, 2017, p. 65). Sobre a obra de Freire, diz ela:

Quando encontrei a obra de Paulo Freire, bem num momento da minha vida em que estava começando a questionar profundamente a política da dominação, o impacto do racismo, do sexismo, da exploração de classe e da colonização que ocorre dentro dos próprios Estados Unidos (...) Na sua obra, você evidencia uma preocupação permanente com o processo de descolonização, particularmente na medida em que afeta os afro-americanos que vivem dentro da cultura da supremacia branca (HOOKS, 2017, p. 66-67).

## AMEFRICANIZANDO

Freire narra que, quando pisou a primeira vez em terras africanas, sentiu-se como se voltasse, e não como se chegasse àquela terra. Essa sensação o despertou a pensar, enquanto brasileiro nordestino, a africanidade que carrega em si. Em *Cartas à Guiné-Bissau*, ele expressa essa experiência de forma mais profunda:

Faço esta referência para sublinhar quão importante foi, para mim, pisar pela primeira vez o chão africano e sentir-me nele como quem voltava e não como quem chegava. (...) a presença, entre as massas populares, da expressão de sua cultura que os colonizadores não conseguiram matar, por mais que se esforçassem para fazê-lo, tudo isso me tomou todo e me fez perceber que eu era mais africano do que pensava (FREIRE, 1979, p. 09).

---

3 Conf. [www.acervo.paulofreire.org](http://www.acervo.paulofreire.org)

A interpretação da formação do Estado brasileiro é fundamental para saber como um intelectual pensa o Brasil. Revisitando a obra de Gilberto Freire, problematizando e encontrando linhas que apontem novas interpretações, Paulo Freire compreende que a escravidão, a escravização dos negros africanos contribuiu de forma decisiva para a constituição das relações sociais no Brasil. Para ele, “nossa tradição histórica, surgida do modo de produção escravista dos tempos coloniais, vem determinando que sejamos uma sociedade autoritária, elitista e discriminatória.” (FREIRE, 1997, p. 122 ). Mas, antes de entrarmos diretamente em Paulo Freire, gostaríamos de destacar uma outra intérprete do Brasil, a filósofa negra Lélia Gonzalez, que compreende a formação e a constituição do Brasil, considerando que a escravidão implicou na forma do racismo brasileiro e as consequências direcionadas diretamente aos homens negros e às mulheres negras, em todas as instâncias da nossa sociedade: “A população negra, de um modo geral, constitui um dos contingentes mais representativos dos analfabetos do Brasil. E a partir daí, houve uma marginalização do negro em termos do processo político brasileiro, uma marginalização econômica.” (GONZALEZ, 2018, p. 85).

A filósofa brasileira parte de uma compreensão de que o Brasil é antes de tudo negro. Lélia está pensando para além dos termos quantitativos, uma vez que, segundo ela, a maior parte da população brasileira é negra e mestiça; e que os que se declaram brancos de uma maneira ou de outra trazem o negro no sangue ou na cultura. Seria muito difícil, portanto, dizer que o Brasil é um país branco. Além disso, Lélia Gonzalez e muitos outros autores e autoras, por meio de estatísticas, já comprovaram que a maior parte da população pobre é negra. Diante disso, se pensarmos em termos de opressão, estamos falando dos negros, pretos, pardos, mestiços e não-brancos. Pois, no Brasil, o oprimido tem cor. E, para a filósofa negra Sueli Carneiro: Pobreza tem cor no Brasil. E existem dois Brasis. Essa é a conclusão que se extrai do estudo “Desenvolvimento humano e desigualdades étnicas no Brasil um retrato de final de século”.” (CARNEIRO, 2011, p. 50 - 57).

Entendendo que a maior parte da população brasileira oprimida é negra, já podemos olhar *A pedagogia do Oprimido* a partir de uma outra perspectiva; levando em conta que, quando falamos do oprimido, estamos falando do negro. Uma vez que em nossa sociedade o lugar que o negro ocupa é o lugar do oprimido, é preciso pensar como a questão racial se manifesta em Paulo Freire. O historiador negro Joel Rufino vai apontar que ser negro no Brasil é uma questão de lugar:

Para Guerreiro Ramos, negro não é, pois, uma raça (a rigor raça não existe), mas se fosse, a nada de progressista levaria a tomá-lo como tal. Negro é uma configuração social, um lugar que pode ser ocupado mesmo por não negros (assim como o lugar do branco pode ser ocupado por um preto ou mulato). Como se descreve esse lugar? As coordenadas para fixar o negro como lugar seriam: o fenótipo (crioulo), a condição social (pobre), o patrimônio cultural (popular), a origem histórica (ascendência africana) e identidade (autodefinição e definição pelo outro). (...) Brasileiro é, como se deduz, o melhor sinônimo de negro (SANTOS, 1996, p. 223).

A escritora negra norte-americana Audre Lorde, pensando o risco de hierarquizar as opressões, pensando as múltiplas diferenças dos oprimidos, a partir de sua leitura de Freire, nos conduz a pensar o opressor que carregamos em nós. Essa preocupação nos remete à preocupação de bell hooks com as práticas fascistas que reproduzimos em termos de estrutura ao reproduzir o pensamento dominante. Audre explica que “como Paulo Freire mostra tão bem em *Pedagogia do Oprimido*, o verdadeiro foco da mudança revolucionária nunca está simplesmente nas situações opressivas das quais buscamos fugir, mas sim naquele pedaço do opressor que está plantado no fundo de cada um de nós.” (LORDE, 2019, p. 248).

## CONDENADOS, ESFARRAPADOS E OPRIMIDOS DA TERRA

Paulo Freire inicia a *Pedagogia do Oprimido*, com essa epígrafe: *Aos esfarrapados do mundo e aos que neles se descobrem e, assim descobrindo-se, com eles sofrem, mas, sobretudo, com eles lutam*. Mas, quem seriam os esfarrapados do mundo e como se daria o movimento de luta coletiva desses esfarrapados? Ao refletirmos sobre esse questionamento, nos permitimos pensar o lugar do negro na construção da história social brasileira, que ainda contempla uma ideia de uma posição de “esfarrapado”. A expressão “esfarrapados” aponta outras colocações reflexivas sobre a relação do oprimido enquanto classe, tais como proletariados e marginais, e por que não atrelar a discussão à raça? Identificamos também outras colocações reflexivas sobre a relação do oprimido. Esse conjunto de termos quando pensado na projeção, em sua maioria, são corpos negros e pobres.

Muitas questões rondam e se repetem na obra de Freire para pensar a educação. A liberdade, a opressão, o autoritarismo, a colonização, os saberes, entre muitas outras, compõem o seu pensamento. E é no movimento do trato dessas questões que podemos perceber que o tema da racialidade se faz presente. Reconhecemos que a palavra negro não aparece em a *Pedagogia do Oprimido*. Sequer uma vez Freire cita ou fala do negro em todo esse seu livro. No entanto, oprimido, esfarrapado, aparecem muitas vezes no plural, o que nos remete aos condenados da terra de Fanon, que destaca que esses condenados são muitos. Porém, anos depois, um reencontro com essa obra acontece em *Pedagogia da Esperança*. Nela, encontraremos um Freire muito mais atento à questão racial e de gênero, com pontuações muito mais específicas em termos de negritude, tais como racismo, quilombo, escravidão, etc. Juntamente com afro-norte-americanos, caribenhos, e sul-africanos, Freire pensa e discute a violência do racismo. Sobre o racismo, diz ele: *A brutalidade do racismo é algo que dificilmente um mínimo de sensibilidade humana pode conviver sem se arrepiar ou dizer que horror!* (FREIRE, 1997, p. 74).

Enquanto educador, Freire busca no fazer pedagógico uma libertação dos oprimidos a partir da *educação como prática de liberdade*. Ele está fomentando uma luta para que esses corpos, então dominados, se movimentem para questionarem os lugares que lhes foram impostos, que façam as correntes arrebitarem. Os movimentos coletivos lutam para desalinhar/desconstruir, na perspectiva de retomada dos direitos que os foram roubados forçadamente pelo processo de

colonização. Este movimento de luta por liberdade possui certa relação ao que o MNU (Movimento Negro Unificado) nos trouxe enquanto ponto de partida: libertação dos corpos pretos. Logo, cogitamos que pensar o fazer de Freire na educação é também refletir sobre o trabalho dos Movimentos Negros na sociedade no que tange à luta por liberdade. E, assim, assumir que em nossa sociedade, a construção do ser oprimido está relacionado ao ser pobre e também ao ser negro. Além disso, a ideia de “desumanização”, que dialoga diretamente com o pensamento histórico brasileiro sobre o negro durante o período colonial. Em que o negro não era considerado humano, pois não tinha alma e, portanto, ocupava o lugar de objeto, de coisa, de mercadoria, que eram avaliadas com a carga de “ser menos”. Ele explica que “brancos e negros sul-africanos ou residentes na África do Sul com quem conversei falavam, de modo geral, das relações opressores-oprimidos; colonizadores-colonizados; branquitude-negritude usando elementos de ordem comuns a Fanon, a Memmi e à *Pedagogia do Oprimido*.” (FREIRE, 1997, p. 74).

A expressão “condenados da Terra” referência explícita em a *Pedagogia do Oprimido*, é uma identificação freireana do resultado importante que manteve com os conceitos e conexões que foram construídas dele com Fanon. A obra de Fanon se constitui de uma crítica ao nacionalismo e imperialismo, onde a ideia de colonizado e colonizador é intensamente tratada, sobretudo, quando articula as funções de classe, raça, cultura nacional e violência que gera conflitos diante da tentativa de libertação. É importante considerar que Freire resgata essa expressão com intuito de utilizar a educação como ferramenta para repensar este cenário estabelecido, indicando que apesar de ser uma realidade nacional não é algo naturalizado, porque estrategicamente ainda é naturalizado por uma parte da sociedade (os opressores). Portanto, em se tratando do processo de libertação, ele nos questiona:

Quem melhor que os oprimidos, se encontrará preparado para entender o significado terrível de uma sociedade opressora? Quem sentirá, melhor que eles, os efeitos da opressão? Quem, mais que eles, para ir compreendendo a necessidade da libertação? Libertação a que não chegarão pelo acaso, mas pela práxis de sua busca; pelo conhecimento e reconhecimento da necessidade de lutar por ela (FREIRE, 2018, p.43, 2018).

Ao buscarmos identificar os atravessamentos das questões raciais no termo “oprimido”, objetivamos a unificação das lutas e o reconhecimento do lugar social desses corpos, tão marcados por uma violência estrutural que necessita desse pensar coletivo. Supomos que Freire, ao denunciar essa violência que os oprimidos sofreram, não estava delimitado apenas às questões sociais, tendo em vista que a grande massa dos setores populares é composta em sua maioria por negros. Assim, ao nos unirmos para lutar, vivenciamos uma herança africana que manifesta, por exemplo, a filosofia ubuntu dos povos bantus da África (MORAES, 2019).

Ainda na força da spectralidade, uma questão curiosa se dá no design da capa da sexagésima quinta edição da *Pedagogia do Oprimido* do ano de 2018. A capa

traz a imagem de uma criança negra segurando um quadro de giz. Qual seria a mensagem que a editora quis transpor ao inserir uma criança negra nesta obra de Paulo Freire? Entendemos como um comunicado bem relevante sobre quem seriam esses oprimidos, certamente uma questão espectral que pode estar relacionada às questões raciais.

Ao pensarmos nas ações dos opressores contra o negro oprimido, percebemos que Freire chama atenção para o perigo encontrado numa falsa liberdade glamourizada pela classe dominante. Liberdade sem crítica não é libertação. Segundo ele, somente “dizer que os homens são pessoas e, como pessoas, são livres, e nada concretamente fazer para que essa afirmação se objective, é uma farsa.” (2018, p.50). O que essa farsa lhes faz lembrar? Nós, no processo de investigação dos atravessamentos raciais, associamos diretamente à falsa comemoração do 13 de maio, que caracteriza a “libertação” dos escravizados pela princesa Isabel através da Lei Áurea. Por conseguinte, a sociedade brasileira reforça essa falsa história de liberdade concebida pela princesa; que, além de desmerecer a luta dos negros da época, oferece total protagonismo à Isabel, bem como não expõe que não houve libertação real e tudo não passou de apenas uma cartografia. Celebra-se essa data, esquecendo que, ao tornarem-se “libertos”, os ex-escravizados sofreram exposições à fome, à miséria e à exclusão social. Não houve políticas de inclusão para pensar aqueles corpos largados à própria sorte após anos de escravização. Como eles iriam se reconstituir a partir do nada? Além disso, em 1888, a maioria dos negros e negras escravizados já estava livre. No entanto, em lugar do 1888, uma outra data precisa ser conjurada, que é o 13 de maio de 1833, a Revolta das Carrancas, a primeira maior revolta dos negros africanos no Brasil contra a escravidão. Assim, quando Freire salienta que pensar a liberdade não é somente dizer que os homens são pessoas e por isso livres; ele está provocando a necessidade de uma reflexão crítica sobre que tipo de liberdade é essa que não pensa equidade. Assim, a *Pedagogia do Oprimido* é claramente uma denúncia ao mito da democracia racial, que coloca todos os libertos como iguais enquanto não oferece condições reais de igualdade.

A Pedagogia do Oprimido, como pedagogia humanista e libertadora, terá dois momentos distintos. O primeiro, em que os oprimidos vão desvelando o mundo da opressão e vão comprometendo-se, na práxis, com a sua transformação; o segundo, em que, transformada a realidade opressora, esta pedagogia deixa der do oprimido e passa a ser a pedagogia dos homens em processo de permanente libertação (FREIRE, 2018, p.57).

Ao refletirmos sobre essa obra, enquanto possibilidade de pensar para além da perspectiva social, mas também a racial, temos visualizado tamanha necessidade de refletir sobre a violência da opressão a partir de todas as esferas possíveis, dada sua complexidade inesgotável, que por vezes é limitada apenas à discussão do popular. Freire salientava:

Tanto quanto a educação, a investigação que a ela serve tem de ser uma operação simpática, no sentido etimológico da expressão. Isto é, tem de constitui-se na comunicação, no sentir comum uma realidade que não pode ser vista mecanicamente compartimentada, simplistamente bem- “comportada”, mas, na complexibilidade de seu permanente vir a ser (FREIRE,2018, p.140).

Na contra mão dos “compartimentos mecânicos”, temos investigado a possibilidade de quando Paulo Freire traz referências às questões populares, ele indiretamente esteja pensando no lugar do negro, que ocupou e ocupa os setores populares da sociedade. Por isso, a importância da unificação das lutas. Como exemplo de que a potência da unificação está para além da divisão entre classe e raça, findaremos com um discurso que o próprio MNU (Movimento Negro Unificado) obteve como base para suas lutas. Lélia Gonzalez, salienta o MNU: “Nós nos solidarizamos com toda e qualquer luta reivindicativa dos setores populares da sociedade brasileira que vise a real conquista dos seu direitos políticos, econômicos e sociais.” (GONZALEZ, 2018, p. 66). Cabe ressaltar, que Freire reconhecia a importância dos movimentos negros:

Hoje se espalham, ainda tímidos pelo país, os “movimentos negros”. Esses liderados por alguns negros e algumas negras, aqueles e aquelas que da aceitação de sua negritude estão fazendo a sua valorização e assim forjando um novo tempo e um novo espaço para a raça negra no Brasil. Sem jamais deixarem de se sentir e de se saber brasileiros e brasileiras, esses homens e essas mulheres vêm acentuando, intencionalmente, as marcas culturais da herança africana (FREIRE, 1997, p. 121 – 122).

As investigações dos atravessamentos raciais, na obra de Freire, partem inicialmente deste princípio: pensar Freire sob um prisma mais amplo e inclusivo. Assim, ganharmos forças enquanto um povo que luta pela libertação, sobretudo a partir da educação, que é a base do seu diálogo, que tanto priorizou a importância de “dar voz” a todos os oprimidos. Assim, afirma Freire: “O que tem que fazer a liderança revolucionária é problematizar aos oprimidos, não só este, mas todos os mitos de que servem as elites opressoras para oprimir”. (2018, p. 181). Segundo Ernani Maria Fiori, que caminha nas pegadas de Freire, é preciso que os oprimidos reconheçam o poder das palavras. No prefácio da *Pedagogia do Oprimido*, ele explica que:

Em regime de dominação de consciências, em que os que mais trabalham menos podem dizer a sua palavra e em que multidões imensas nem sequer têm condições para trabalhar, os dominadores mantêm o monopólio da palavra, com que mistificam, massificam e dominam. Nessa situação, os dominados, para dizerem a sua palavra, têm que lutar para tomá-la. Aprender a tomá-la dos que a detêm e a recusam aos demais é um difícil, mas imprescindível aprendizado – é a “pedagogia do oprimido” (FREIRE,2018, p.30).

## PEDAGOGIA DAS MARGENS

questão do lugar, do *topos*, é fundamental para o nosso movimento, uma vez que trazemos para a terra não somente nossa discussão, como também, qualquer possibilidade de devaneios a que muitas vezes somos conduzidos por uma herança não escolhida, de uma filosofia e um pensamento radicalmente abstrato que supostamente não teria relação nenhuma com a realidade. Assim, para territorializarmos nossa questão e abrir a dimensão racial na obra de Paulo Freire, o tema do lugar é fundamental, mas não só como o lugar do oprimido, mas como o lugar de quem produz conhecimento. Nesse sentido, a educadora negra Nilma Lino Gomes pensando o Movimento Negro educador enquanto pedagogias que emergem, percebe no movimento promovido por Freire, “manifestações de humanização, busca de humanização, de um compromisso ético do mundo com os grupos oprimidos.” (GOMES, 2020, p. 45). É, por esta razão, que ela aponta a importância desse combate em termos de luta contra o epistemicídio promovido pelas forças colonizadoras:

Produzir um conhecimento que extrapola o seu grupo étnico-racial específico, problematiza e traz novas questões para diferentes áreas de conhecimento, culturas e sujeitos sociais. Uma produção que pode constituir novos sujeitos, subjetividades e sociabilidade e superar o epistemicídio ou o assassinio do conhecimento próprio da cultura subordinada e, portanto, dos grupos sociais seus titulares (GOMES, 2010, p. 504).

Uma influência que marca o pensamento de Freire é a de Franz Fanon. Diríamos que *A pedagogia do oprimido* é uma homenagem aos *Condenados da terra*. Talvez, seja a presentificação do que Fanon insiste em termos da importância da formação política do colonizado. Entendendo que o oprimido é o colonizado, é o povo do sul do mundo, da América latina e da África, os povos de cor. Percebemos que toda a obra de Paulo Freire é voltada para uma crítica imposta, vinda do norte. Nessa linha, sobre os festejos dos 500 anos do suposto descobrimento da América, diz ele:

O corpo e a alma dos homens e das mulheres que nasceram do chão americano, filhos e filhas de não importa de que combinações étnicas, o corpo e a alma de mulheres e homens que dizem não à dominação de um Estado sobre o outro, de um sexo sobre o outro, de uma classe social sobre a outra (...) Por isso mesmo é que a melhor maneira, não de festejar os 500 anos de invasão, não cruzando, porém os braços diante dos festejos a eles feitos, seria homenagear a coragem, a rebeldia, a decisão de brigar, a bravura, a capacidade de lutar contra o invasor; a paixão da liberdade, índios e índias, de negros e negras, de brancos e brancas, de mamelucos, que tiveram seus corpos rasgados, seus sonhos despedaçados, suas vidas roubadas (FREIRE, 2000, p. 34).

Quando Freire aponta a educação bancária, as manifestações capitalistas na expressão do neoliberalismo, o cristianismo, o individualismo como manifestações vindas do norte, e de que precisamos nos libertar, ele invoca os saberes do sul enquanto saberes negros, saberes indígenas, saberes latinos e africanos, enquanto saberes de cor, como saberes do sul. É por essa razão que ele vai falar da necessidade de sulear o pensamento: “eu ainda quase sempre partia de meu mundo, sem mais explicação, como se ele devesse ser o “sul” que os orientasse.” (FREIRE, 1997, p. 12). Entendemos que sulear o pensamento, pensar a partir do sul, é pensar a partir de nossas heranças negras e indígenas. O conceito de sulear foi proposto por Paulo Freire e Marcio Campos para que possamos pensar aberturas de conhecimentos oriundos do sul do globo, e, assim, evidenciar e deixar emergir a produção de conhecimento, ética, estética entre outros saberes oriundos do sul.

Para esses dois autores, seria interessante ao invés de nos virarmos para o Cruzeiro do Sul e nos orientarmos a partir da estrela Dalva, poderíamos nos orientar pelo Cruzeiro do Sul e, assim, nos sulear ao invés de nortear. (...) Esses autores querem destacar é a necessidade de se falar a partir de um outro *topos*, um lugar até então marginalizado e subalternizado (MORAES, 2020, p. 201-202).

Um outro aspecto importante da leitura freireana, acerca da formação do Estado brasileiro, é quanto a sua compreensão de movimentos coletivos de negros e negras nos quilombos. Paulo Freire, promovendo um movimento completamente desconstrutor da colonialidade, aponta Palmares como um espaço de produção de conhecimento. Sobre Palmares, que, segundo ele, era um espaço de solidariedade, era um espaço também de produção econômica, ele afirma que:

A República Negra de Palmares, o mais importante quilombo, implantada no sul da Capitania de Pernambuco, foi exemplo de uma economia produtiva e de uma organização social exemplar de negros e negras sublevados contra o regime escravocrata de trabalho em que se fundava a economia colonial, ao lado do latifúndio e da monocultura açucareira (FREIRE, 1987, p. 122).

A obra de Paulo Freire é um manifesto contra-colonizador, contra a hegemonia branca masculina regida pelo capital e por um falso cristianismo. Sendo um homem que escreve a partir do sul, reconhecendo o lugar onde está e assumindo suas heranças, Freire entende que o ponto é marcadamente colonial, e que o capitalismo de forma estratégica soube operar em termos de manifestações globais, seja no âmbito econômico ou no cultural. O saber do colonizador é um saber branco, que se dá enquanto caminho usado no processo de dominação para um projeto colonizador, em que se discursa para uma consciência que interioriza esse projeto nos povos colonizados. Sobre esses saberes, diz ele: “A história dos colonizados “começava” com a chegada dos colonizadores, com sua presença “civilizatória”; a cultura dos colonizados, expressão de sua forma bárbara de compreender o mundo. Cultura, só a dos colonizadores.” (FREIRE, 1978, p. 15-16).

Quando em a *Pedagogia da Autonomia*, Paulo Freire está pensando nas relações de escuta e de fala, dentro de uma configuração de respeito às diferenças, ele pontua a falsa humanidade que se manifesta e que se configura nas hierarquias de raça, gênero, classe e cultura, dentro do nosso pensamento ocidentalizado (FREIRE, 2002, p. 136-137). Para ele, transgredir a lógica dominante em nome de uma verdadeira democracia só é possível no momento em que abandonamos qualquer tipo de preconceito.

A prática preconceituosa de raça, de classe, de gênero ofende a substantividade do ser humano e nega radicalmente a democracia. (...) Quão ausentes da democracia se acham os que queimam igrejas de negros porque, certamente, negros não têm alma. Negros não rezam. Com sua negritude, os negros sujam a branquitude das orações (FREIRE, 2002, p. 39-40).

Podemos perceber que Paulo Freire não está pensando apenas nas manifestações do indivíduo, ele também está pensando em termos de estrutura; como no caso de não nos manifestarmos diante de uma reprodução ideológica racista, adotada a partir de um certo discurso científico, de que o negro seria inferior ao branco (FREIRE, 2002). Ele aponta diversos momentos no discurso cotidiano, em que a gramática, a semântica, não está separada da questão ideológica. Nesse sentido, nossos discursos sempre reproduzem o pensamento e a cultura dominante. É dessa forma que, em a *Pedagogia da Autonomia*, irá apontar que o problema não é apenas racial e social, ou que ele seja apenas de gênero. Ele aponta o quanto a questão de gênero é também atravessada pela raça (2002, p. 53). Diante disso, aparentemente irritado, ele diz:

Não me venha com justificativas genéticas, sociológicas ou históricas ou filosóficas para explicar a superioridade da branquitude sobre a negritude, dos homens sobre as mulheres, dos patrões sobre os empregados. Qualquer discriminação é imoral e lutar contra ela é um dever por mais que se reconheça a força dos condicionamentos a enfrentar (FREIRE, 2002, p. 67).

Juntamente com autores africanos, Freire pensa a escola colonial como colonizadora, uma escola colonialista que reproduz a ideologia do colonizador. Um dos pontos, que ele observa, é de quanto os saberes que nos são transmitidos e impostos nas escolas acabam por promover uma desafricanização. Além disso, havia toda uma reprodução ideológica do colonizador, de que a *única salvação estaria em tornar-se “brancos” ou “pretos de alma branca”* (FREIRE, 1978, p. 15).

O tema da descolonização percorre toda a obra de Paulo Freire. E, aparentemente, se percebe se concretizar em seu encontro espectral com Amílcar Cabral em Guiné Bissau, uma vez que nunca esteve com ele presencialmente. Sobre esse pedagogo da revolução, retomamos a questão inicial da presença, do espectro. Freire conjura um sonho, sobre Amílcar, com quem esteve muito próximo, mas nunca presente, diz ele: “Eu cheguei até a ter o nome do livro que eu quis escrever, que não pude

escrever, que se chamaria “Amílcar Cabral, Pedagogo da Revolução.” (1985). Talvez, Freire tenha visto na obra desse pensador e revolucionário a junção da prática e da teoria. Na verdade, em diversos dos seus relatos na África marcam o seu encontro com sua teoria na prática real. Diz Freire, “Amílcar Cabral esteve na gestação de todos os movimentos de libertação das ex-colônias Portuguesa, desde o tempo que ele jovem ainda, estudava em Lisboa” (FREIRE, 1985).

A descolonização das mentes, reforçada no projeto de Amílcar Cabral, com seu projeto de re-africanização, é uma luta contra todo o projeto de desafricanização herdado da violência colonial. Paulo Freire chama atenção da necessidade e da urgência de um pensamento descolonizador. E, nesse momento dessa experiência na África, Freire pensa o quanto os elementos de nossa africanidade podem contribuir para uma educação libertadora: “enquanto os via e os ouvia falando com a força de suas metáforas e a ligeireza de movimentos de seus corpos, pensava nas possibilidades inúmeras que se abrem, com essas fontes culturais africanas, a uma educação libertadora.” (FREIRE, 1978, p. 57).

Paulo Freire promove um movimento contra-colonizador, que expressa a nossa negritude, quando ele reconhece nas práticas religiosas de matriz africana, uma resistência ao dominador, ao colonizador branco. Assim, não apenas como manifestação cultural, o candomblé ou a umbanda, aparecem como possibilidade de formação, de educação. No fundo, diz ele, “O sincretismo religioso afro-brasileiro expressa a resistência ou a manha com que a cultura africana escrava se defendia do poder hegemônico do colonizador branco.” (FREIRE, 2002, p. 87).

Quando Freire traz o corpo para o debate, tema que aparece em uma entrevista à Moacir Gaddoti, ele apresenta o corpo como espaço de luta e de conhecimento. Considerando que os saberes do sul do mundo, principalmente os saberes africanos, que nunca separaram o espírito do corpo, e que o corpo é sempre um lugar que produz alguma manifestação e também tem algo a dizer; Freire não retira o corpo do combate em relação a um saber ligado a um espírito enquanto razão, *logos* ou consciência. Assim, o corpo coletivo, que se manifesta no corpo individual, só é possível nesse corpo social:

O que acho fantástico nisso tudo é que meu corpo consciente está sendo porque faço, ou talvez, melhor, o que eu faço faz meu corpo. A importância do corpo é indiscutível; o corpo move-se, age, memoriza a luta de libertação, o corpo afinal deseja, aponta, anuncia, protesta, se curva, se ergue, desenha e refaz o mundo (GADOTTI, 2004, p. 92).

Ao promover esse deslocamento da estrutura que mantém os saberes hierarquizados, e que diz o que é ou não um verdadeiro saber, Paulo Freire, ao trazer o corpo, o corpo em movimento, em dança, observa o quanto, por exemplo, sambar é promover conhecimento. Nesse sentido, ele traz a possibilidade de pensarmos-escutarmos outros ritmos, outros embalos, outros sotaques, como condição de criação de outros mundos, de outras realidades:

Como dizer de um menino popular, que se “saiu mal” na aplicação de certa bateria de testes, que não tem senso de ritmo, se ele dança eximamente o samba, se ele cantarola e se acompanha ritmando o corpo com o batuque dos dedos na caixa de fósforos? Se o teste para uma tal afeição fosse demonstrar como bailar samba mexendo o corpo que desenha o mundo ou acompanhar-se com a caixa de fósforos, possivelmente meu neto seria considerado pouco capaz em face dos resultados obtidos pelo menino popular (GADOTTI, 2004, p. 42).

Assim, quando Paulo Freire pensa o quilombo e a favela, podemos entender que ele está pensando a formação do Estado brasileiro. Essa compreensão de Freire tem sua importância para que possamos pensar a herança enquanto espectralidade, para entender o quanto algumas práticas se repetem, de forma espectral, nos favelados em termos de manifestar suas heranças africanas. Acerca dos quilombos, Freire já demonstrava uma leitura destoante das interpretações dominantes. Entendendo os quilombos como espaços de luta e de acolhimento, diz ele: “Os rebeldes escravos(as) do século XVI não se rebelaram apenas para preservarem suas heranças africanas, mas lutam também e bravamente (...) contra a escravidão como sistema econômico-social do qual eram as maiores vítimas.” (FREIRE, 1997, p. 122).

## CONCLUSÃO

Se ficamos diante de uma aporia, se o negro está ou não representado na obra de Freire, cabe aos leitores retornarem aos seus trabalhos e buscar um possível encontro. Mas uma questão é fundamental para quem quer pensar pela força da herança: Paulo Freire, juntamente com tantos outros intelectuais, negros e negras, brancos e brancas, contribuiu de maneira indelével para pensar o lugar do negro como o lugar do oprimido. E é desse lugar que a obra de Freire permite que o negro lute contra o opressor, seja ele branco, europeu, homem ou patrão. Assim, abrimos esse texto para pensarmos mais Freire, para além daquilo que aparece. Pensar as questões de classe, de gênero, de raça e pensar todos que estão e operam a partir da margem.

A obra de Freire possui uma elasticidade, uma capacidade de atualização que nos exige estar sempre retornando a ele, conjurando espectros que nem sempre apareceram numa leitura em um determinado tempo ou contexto. Porque entendemos que uma pedagogia da esperança é uma pedagogia vinda das margens. Então, convocamos Paulo Freire, um pensador das margens que, mesmo conjurado pelos opressores, retorna pelas margens, promovendo revoluções, levantes, insurreições e sublevações em nome da justiça aos oprimidos da Terra. Por esse motivo, que ele diz “que a educação que se há de se dar a este país, há de ser uma educação da coragem, uma educação que ajude esse povo que emergiu, a inserir-se no seu processo, o que vale dizer, uma educação que conscientize o povo brasileiro, para que ele faça realmente com os homens públicos, as reformas inadiáveis de que este país precisa.” (FREIRE, 1963-2014, p. 47).

## REFERÊNCIAS

- FANON, Franz. *Os condenados da terra*. Tradução: Elnice Rocha. Juiz de Fora: Editora UFJF, 2006.
- FREIRE, Paulo. *A pedagogia da esperança*. São Paulo: Editora Paz e Terra, 1997.
- \_\_\_\_\_. *Pedagogia da Autonomia*. São Paulo: Editora Paz e Terra, 2002.
- \_\_\_\_\_. *Pedagogia do Oprimido*. São Paulo: Editora Paz e Terra, 2018.
- \_\_\_\_\_. *Cartas à Guiné-Bissau: registros de uma experiência em processo*. São Paulo: Editora Paz e Terra, 1978.
- \_\_\_\_\_. *Amílcar Cabral: o pedagogo da revolução*. Palestra: Curso de Mestrado da Faculdade de Educação Universidade de Brasília, 8 de novembro de 1985.
- \_\_\_\_\_. *Dois de abril de 1963, uma data para lembrar*. In M. Gadotti (Org.), *Alfabetizar e conscientizar: Paulo Freire, 50 anos de Angicos*. 1ª ed. São Paulo, SP: Instituto Paulo Freire, 1963-2014.
- GADOTTI, Moacir. *Convite à leitura de Paulo Freire - Pensamento e Ação no Magistério*. São Paulo: Editora Scipione, 2004.
- GOMES, Nilma Lino. *Intelectuais negros e produção do conhecimento*. In: SANTOS, Boaventura; MENESES, Maria Paula. *Epistemologias do Sul*. São Paulo: Cortez, 2010.
- \_\_\_\_\_. *O movimento negro educador*. Petrópolis: Editora Vozes, 2020.
- GONZALEZ, Lélia. *Primavera para as rosas negras*. Diáspora africana: Editora filhos da África, 2018.
- \_\_\_\_\_. *Lugar de Negro*. Rio de Janeiro: Editora Marco Zero Limitada, 1982.
- hooks, bell. *Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade*. Tradução: Marcelo Brandão Cipolla. São Paulo: Martins Fontes, 2013.
- LORDE, Audre. *Idade, raça, classe, gênero: mulheres redefinido a diferença*. In: HOLLANDA, Heloisa Buarque de. *Pensamento feminista: conceitos fundamentais*. Rio de Janeiro: Bazar do tempo, 2019.
- MORAES, Marcelo. *Democracias espectrais: por uma desconstrução da colonialidade*. Rio de Janeiro: Editora Nau, 2020.
- \_\_\_\_\_. *A Filosofia Ubuntu e o quilombo: a ancestralidade como questão filosófica*. *Revista África e Africanidades*, ano XII, nº 32, nov. 2019.
- SANTOS, J. R. *O negro como lugar*. In: MAIO, M.C., and SANTOS, R.V. orgs. *Raça, ciência e sociedade*. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ; CCBB, 1996.

**Marcelo José Derzi Moraes** é doutor em Filosofia pela UERJ; professor do departamento de Educação da FFP/UERJ; Contato: marcelojdmoraes@hotmail.com

**Patrícia Elaine Pereira dos Santos** é doutora em Pedagogia pela UFRJ; professora do departamento de Educação da FFP/UERJ; Contato: patepsantos@gmail.com

**Ana Cristina Figueiredo Reis** é formada em Design de Moda; professora da rede municipal de Araruama; Contato: acfigueredoreis@gmail.com